

## Resenha

ROIZ, D. S. *Linguagem, cultura e conhecimento histórico: ideias, movimentos, obras e autores*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2012.

### ***História e Literatura: discussões e abordagens teóricas***

---

Simone Tonoli Oliveira Roiz\*

As relações entre a História e a Literatura sempre foram muito tênues. Quando Heródoto procurou desvincular o discurso histórico da poesia épica, enfocando que a narrativa histórica caberia contar o que foi o passado, de modo a ser um discurso verdadeiro sobre o passado. A ele Aristóteles responderia dizendo que ao fazer isso a História estaria limitada ao particular, ao passo que a poesia se projetaria também para o geral, por contar aquilo que poderia ter sido. Desde sua fundação, portanto, o discurso histórico ora se aproxima, ora se distancia do discurso literário. Mas, o inverso também é verdadeiro. Quando foi fundado o romance moderno, este surgiu atrelando-se ao que foi o passado, pois, sua justificativa existencial foi feita mediante sua interligação com o discurso histórico. Apenas no século XVIII, o romance moderno alcançaria autonomia perante o que Luiz Costa Lima chamou em *O controle do imaginário & afirmação do romance* de controle do imaginário de cunho político e religioso. E ao fazer isso, novamente pôde deixar de estar inteiramente atrelado ao discurso histórico.

O que Diogo Roiz se propõe fazer em seu novo livro é justamente historiar e analisar um desses momentos, em que a História e a Literatura se

---

\* Professora da FIAMA. Mestre em Educação pela PUC/PR

entrelaçam, e ao mesmo tempo se opõem, e nesse processo se torna difícil diferenciá-las com precisão. Sua problemática está em verificar como o estruturalismo, o pós-estruturalismo e a virada linguística propuseram novos contornos para esse debate, ao mesmo tempo em que questionaram e colocaram em xeque a função e a validade do ofício de historiador e do discurso histórico para as sociedades do passado e do presente. O livro está dividido em duas partes, com três capítulos cada uma delas. Conta ainda com um apêndice no qual aborda as relações entre História e Biografia por meio de um estudo acurado da coleção: *Perfis Brasileiros* da Companhia das Letras. Seu texto é precedido por uma Apresentação assinada por Estevão Martins (da UnB), e por um Prefácio escrito por Jurandir Malerba (da PUC/RS). Em ambos os casos os autores chamam atenção para a atualidade do texto, especialmente para a segunda parte, onde Diogo Roiz coloca em prática sua tentativa de mostrar como as fontes literárias podem ser promissoras, desde que coligidas com propriedade, para a pesquisa histórica – coisa, que como o autor indica sabiamente, já vem sendo feito desde, pelo menos, os anos 1960, como mostra a obra de autores como Georges Duby (estudada no sexto capítulo do livro).

Desse modo, indo das relações entre História e Literatura para a de Literatura e História, num movimento de aproximações, distanciamentos e intersecções, o autor nos mostra como em ambos os casos, autonomia discursiva, fontes, relações entre texto e contexto, verdade e ficção, real e imaginário, estiveram no centro dos debates, concentrando os polos das discussões em torno de questões vinculadas a “linguagem” e a “cultura”. Para expressá-la o autor adentra na obra de autores como Quentin Skinner, Peter Gay, Carlo Ginzburg, Josep Fontana, Jörn Rüsen, Reinhart Koselleck, Eric Hobsbawm, Paul Ricoeur, Peter Burke, Roger Chartier e Robert Darnton. Com isso, procurou mostrar no primeiro capítulo como foram estabelecidas as discussões entre história, literatura e narrativa, preocupando-se em destacar o questionamento da virada linguística, e como Skinner soube ao mesmo tempo responder ao desafio cético quanto às relações entre texto e contexto, refazendo os caminhos de sua própria pesquisa, ao inquirir as razões e os

processos de tomadas de decisão dos autores (especialmente os da primeira modernidade, dos séculos XV ao XVIII).

No segundo capítulo o autor avança nessa discussão, mostrando como as leituras de Nietzsche, Barthes e Foucault foram decisivas para as discussões do estruturalismo, do pós-estruturalismo e da virada linguística, em relação aos questionamentos que estiveram norteando as dúvidas lançadas sobre a pertinência e a validade do discurso histórico, a partir dos anos 1960. Nisso o autor mostra como a obra de Hayden White passou a ter certa centralidade no debate, e como seus argumentos foram rebatidos por autores como Peter Gay, Reinhart Koselleck, Jörn Rüsen e Eric Hobsbawm. No terceiro capítulo o debate se intensifica ao serem acrescentados a esse elenco os argumentos de Carlo Ginzburg e Josep Fontana.

Após definir os termos e as questões do debate na primeira parte, o autor nos brinda com alguns estudos de caso na segunda parte. Quando tenta usar peças teatrais dos séculos XVIII e XIX para enfocar como Portugal e Brasil viram as relações entre senhores e escravos e estas eram encenadas nos palcos dos Teatros europeus e americanos. Em seguida como a obra de um romancista como Franz Kafka foi lida e recebida ao longo do tempo. Neste capítulo, o autor faz um verdadeiro itinerário de autores e obras que procuraram ler os textos de Kafka, passando por autores como Borges, Carpeaux, Sérgio Buarque de Holanda, entre os anos 1930 e 1950, ou Ricardo Piglia, Louis Begley e Michel Löwy, a partir dos anos 1980 e 1990. Por fim, no sexto capítulo, o autor traça o perfil historiográfico da obra de Georges Duby, inquirindo como o autor usou, desde os anos 1960, as fontes literárias em suas pesquisas sobre o Ocidente Cristão do século XII.

Ao encerrar a leitura dessa inteligente e interessante coletânea de ensaios, inquirindo e se inquietando com as relações entre História e Literatura, e Literatura e História, o leitor é convidado a refletir sobre questões cruciais em nossa atualidade, como real e imaginário, verdadeiro e falso, texto e contexto, e como tais pontos se interligam a narrativa (histórica ou literária), e esta é produzida no interior de uma relação tensa e sempre complexa entre cultura e linguagem.